

AS INSÍGNIAS DA MASCULINIDADE EM DESENHOS ANIMADOS DA DÉCADA DE 1980

Érico Peres Oliveira

RESUMO: O trabalho objetivou detectar as insígnias do que poderia compor uma ideia de masculinidade presente em dois desenhos animados da década de 1980. Utilizou-se a teoria psicanalítica para avaliar a linguagem verbal e não verbal presente em dois episódios selecionados aleatoriamente dos desenhos He-man e Thundercats. Com a análise dos episódios mencionados, conseguimos elencar diversas insígnias do masculino. Além disso, observou-se outras representações concretas que também podem ser ligadas à masculinidade, como o altruísmo, a liderança, a importância dos amigos e sobre como podemos recorrer a eles nas situações de dificuldade. Entre outros pontos detectados na análise dos episódios destacam-se a força e os músculos como grande representante da masculinidade. Assim, misturam-se as boas atitudes com aspectos relativos à força para criar um ideal de masculino a ser seguido sempre fazendo uso da linguagem verbal e não verbal para solidificar tais características. A linguagem verbal é visivelmente observada no processo de utilização dos poderes provendo as transformações. A linguagem não verbal está impregnada nas atitudes heroicas dos personagens principais. Também foi possível verificar nos desenhos elementos identitários da masculinidade como a força, mas, principalmente, a espada como representante do falo permitindo o elo entre todas as insígnias detectadas à premissa de ser detentor de um pênis.

PALAVRAS-CHAVE: desenhos animados, masculinidade, linguagem.

INTRODUÇÃO

Desde o surgimento dos programas infantis, transmitidos no período da manhã ou da tarde na televisão brasileira, poderíamos dizer que os desenhos animados passaram a fazer parte da rotina das crianças. Silenciosamente foram adentrando os lares preenchendo um espaço no cotidiano dos telespectadores. Estamos falando de um conteúdo direcionado a infância, logo, fará parte do processo de desenvolvimento infatil destes que o assistirem. Assim, chegamos ao questionamento inicial que impulsionou este artigo: Como estes programas apresentam insígnias deste mundo, o qual, para as crianças da faixa etária visada ainda está em construção? Neste artigo tentamos nos

aproximar de algumas respostas sobre esta pergunta focando nos desenhos animados na década de 1980, em especial na sua linguagem verbal e não-verbal.

Aqui discorreremos sobre dois desenhos endereçados para o público masculino infantil. Ou seja, desenhos que apresentam super-heróis com super-poderes. Por meio de uma análise psicanalítica sobre seu conteúdo, buscou-se um entendimento acerca da linguagem que estava sendo utilizada e o conteúdo latente dessas animações, às quais tinham como público suposto crianças dos cinco aos doze anos de idade.

O presente texto consiste em relato de investigação que teve por objetivo detectar insígnias do que poderia compor uma ideia de masculinidade presente em dois desenhos animados da década de 1980. Para tanto, foram analisados dois episódios do desenho intitulado *He-man* e outros dois do desenho chamado *Thundercats*, todos escolhidos aleatoriamente. O desenho *He-man* foi produzido pela empresa *Pacific Animation Corporation*, ao passo que *Thundercats* foi produzido por *Filmation Associates*, ambas produtoras estadunidenses. No Brasil, os desenhos foram exibidos em língua portuguesa brasileira e a versão foi realizada pela empresa *Herbert Richards S. A.*

O desenho *He-man* conta a história do príncipe do planeta Eternia, chamado Adam, que é o responsável por manter a paz daquele lugar. Trata-se de um ambiente com aspecto medieval, porém, coberto de muita tecnologia. Existem criaturas mágicas e personagens metamórficos. O personagem principal recebeu a espada do poder que permite que ele possa se transformar. Os amigos que conhecem a sua identidade secreta são Mentor, Gorpo e a Feiticeira. O vilão que costuma trazer problemas é chamado Esqueleto. O desenho passou na televisão brasileira na década de 1980 nos programas *Balão Mágico* e *Xou da Xuxa*.

Thundercats relata a história de seres com aspectos humanoides e felinos que perderam seu planeta chamado Thundera. Os personagens acabam tendo que se refugiar no Terceiro Mundo onde toda a história se passa. O chefe deles, chamado Lion-O, possui a espada justiceira que carrega o olho de thundera. Fonte de poder dos felinos. Seus inimigos são os mutantes de Plun-Darr e o poderoso Mumm-Ra. Também passou pela televisão brasileira a partir da metade da década de 1980 no *Xou da Xuxa*.

Existem alguns elementos verbais e não verbais nesses desenhos que sugerem a presença de insígnias do masculino, tais como dizeres, espadas, corpos musculosos e transformações dos personagens. Tais elementos foram analisados sob o aporte teórico de Freud e de Lacan, em especial no que esses autores concebem como próprio do desenvolvimento psicológico de meninos na faixa etária dos 2 aos 9 anos.

Na sequência do texto apresentamos brevemente os 4 episódios desses desenhos que foram analisados. Posteriormente passamos à análise dos mesmos, sobretudo, no que é concernente à questão do falo e do que seria uma posição fálica.

OS EPISÓDIOS ANALISADOS

O primeiro episódio a ser relatado foi o de número 64, de *He-man*, exibido em 22 de novembro de 1983, com o título de “O Remédio”.

No enredo, um amigo do personagem Mentor acaba contaminado por um veneno e precisa urgentemente de um antídoto. *He-man* e Mentor recebem a explicação da Feiticeira sobre onde encontrar o antídoto. *He-man* se transforma e, acompanhado de Mentor, vai à busca do remédio. No meio da jornada sua nave sofre uma pane e *He-man* precisa terminar a busca sozinho usando sua “super velocidade”. Após muitos obstáculos consegue o remédio e leva para o amigo de Mentor se recuperar.

Um dos primeiros pontos que chamam atenção é que para se transformar no super herói, o personagem principal desembainha sua espada que está presa às suas costas, levanta-a e grita: “Pelos poderes de Greyskull, eu tenho a força!”. Nisso ele se torna mais forte, seu corpo fica mais a mostra, a pele fica mais morena e também sua voz fica mais grossa.

Em determinado momento, em uma lembrança do personagem Mentor, o desenho mostra um aprendizado adquirido por meio de seu amigo que está envenenado sobre a importância do erro para que o sucesso possa acontecer. Ensina que não é preciso ter medo de errar pois é dessa forma que evoluímos. Explica que para entender como funciona, é preciso entender como não funciona. A frase utilizada é “para saber como funciona, precisamos saber como não funciona”.

Em outro momento do episódio, *He-man*, apesar de estar muito atrasado, resolve ajudar um ser alado que está preso em uma teia de aranha. Por ter salvado o animal, recebe ajuda para voar até o lugar onde se encontra o antídoto. He-man ainda reitera: “Amigo é para essas coisas”.

Ao final do episódio Teela aparece para ressaltar a importância dos amigos. Lembra também quem são nossos grandes maiores amigos: a mãe e o pai.

O segundo episódio de *He-man* analisado foi o de número 10, exibido em 10 de novembro de 1984.

No filme, Esqueleto, que é o principal inimigo de He-man, organiza um plano para derrotá-lo. Para isso, conta com a ajuda de outro vilão. No momento em que He-man está lutando contra Esqueleto, próximo de uma armadilha, ele acaba derrubando uma parede de pedras que cai sobre o amigo de Esqueleto que está disfarçado de civil. Este se faz de morto e assim as pessoas começam a tratar He-man como um assassino. Por conta disso, He-man desiste de seu poder por ter quebrado a promessa de ajudar aqueles que necessitam. Gorpo descobre o esquema de Esqueleto que revela a He-man. Este recupera a espada e acaba com os planos do vilão. A transformação de He-man acontece duas vezes no episódio exatamente da mesma forma descrita anteriormente. O personagem fica mais forte e com a voz mais grossa. Também fica com o corpo desnudo.

Observou-se que He-man, ao acreditar que havia feito mal a outra pessoa desiste de ter o poder, pois julga não ser mais digno dessa responsabilidade. Ao conversar com o personagem Gorpo explica que agiu sem pensar e resultou no acidente.

No final deste episódio o personagem Mentor aparece para explicar a importância da segurança. Exemplifica com o cinto de segurança nos carros que sempre devemos usar e também sobre brincar com fogo e com fósforos.

O terceiro episódio analisado foi do desenho *Thundercats*, exibido em 2 de dezembro de 1985.

O vilão Mumm-Ra, através de seu poço mágico, fica sabendo sobre a espada Excalibur que foi desenvolvida pelo mago Merlin. Assim, viaja no tempo e resgata a espada para enfrentar os *Thundercats*. Na sequência, se transforma em um cavaleiro e vai até a Toca dos Gatos, residência dos heróis.

Lá ele desacata Lion-O, o chefe dos Thundecats, que perde a paciência e aceita o desafio para uma batalha. Lion-O perde a batalha devido a força da espada Excalibur. O mago Merlin aparece e a retira de Muum-Ra e a entrega para Lion-O. Este devolve a espada para seu local original onde estava secretamente guardada.

Quando o cavaleiro chega ele é direcionado para o líder dos Thundercats, apontando que existe uma hierarquia e ela é respeitada. No final, Snarff pergunta para Lion-O porque ele não quis ficar com a espada. O chefe dos Thundercats explica que ele não merecia e que não deveria ter aceitado as provocações. Afirma que agiu com impulsividade e que um líder não pode se comportar assim. Na sequência reafirma os ideais do código de thundera que são justiça, verdade, honra e lealdade.

Quando Lion-O decide utilizar espada justiceira para enfrentar o cavaleiro, ela cresce e o olho de thundera que estava fechado se transforma mostrando o símbolo dos felinos. Quando ela sai de suas mãos, automaticamente encolhe.

No quarto episódio analisado, o de número 51 de Thundercats, de 5 de dezembro de 1985, uma nave está chegando ao terceiro mundo carregada de material nuclear que pode explodir o planeta. Tanto os thundercats quanto Mumm-Ra percebem a sua chegada. Panthro dá a ideia de rebocar o material antes que ele caia no planeta enquanto Mumm-Ra se transforma e decide atrapalhar a missão dos felinos. Chacal foge com o reator para a pirâmide e faz com que Mumm-Ra e os Thundercats iniciem uma perseguição. Lion-O decide chamar os outros Thundercats com a espada justiceira por perceber que a batalha seria difícil. Eles conseguem derrotar o vilão e enviam o reator para o espaço e o explodem, salvando assim o Terceiro Mundo.

Quando o chefe dos thundercats percebe que não dará conta da situação, utiliza sua espada justiceira para chamar os seus amigos. Faz os mesmos gestos fazendo a espada crescer e o olho de thundera vai para o céu fazendo com que os outros thundercats o vejam.

Lion-O estava perdendo a batalha quando seus amigos agem em conjunto neutralizando o inimigo. No final do episódio um dos thundercats aponta que se os mutantes tivessem trabalhando em conjunto, teriam

conseguido obter êxito. No episódio cada um dos mutantes tentou ficar com o reator para si, fazendo com que o domínio dos thundercats fosse facilitado.

Nesse episódio o personagem Mumm-Ra, que inicialmente apresenta o aspecto de uma frágil múmia, utiliza dizeres mágicos para se transformar em um ser grande e musculoso.

A QUESTÃO DO FALO NOS DESENHOS

Nos quatro episódios analisados foram encontrados os seguintes elementos: o falo e a espada; a força; o altruísmo; a liderança e o aprender com os erros. Os mesmos são analisados a seguir.

O falo e a espada

Ao se transformar no super herói, o personagem principal grita as palavras: “Pelos poderes de Greyskull, eu tenho a força!”. Tornando-se em outra pessoa, mais forte, e com o corpo mais escultural. Notando-se uma linguagem não verbal em que Greimas e Courtés (1983, p. 259) ressaltam que:

A linguagem é objeto do saber, visado pela semiótica geral: não sendo tal objeto definível em si, mas apenas em função dos métodos e dos procedimentos que permitem sua análise e/ou sua construção, qualquer tentativa de definição da linguagem (como faculdade humana, como função social, como meio de comunicação, etc.) reflete uma atitude teórica que ordena a seu modo o conjunto dos ‘fatos semióticos’.

A linguagem não-verbal é, detentora de materialidade significativa própria, haja vista que por meio dela é possível interpretar as marcas historicamente determinadas por discursos anteriores, “já vistos” em outras enunciações fílmicas e que, de uma forma ou de outra, modelam comportamentos desejáveis pela sociedade patriarcal. Desta forma, quando designamos a imagem como um discurso, atribuímos a ela a capacidade de veicular sentidos sócio-historicamente construído (GREIMAS e COURTÉS, 1983).

Em análise não verbal a este episódio, quando o príncipe Adam levanta a espada e se transforma em *He-man*, é como se ele tentasse acessar seu *Id*. Lembrando que Freud (1974) dividiu a mente em três partes funcionais: *id*, *ego* e *superego*. Segundo Freud (1974 apud LIMA e CAMPOS, 2010, p.65):

O id é a mais antiga das localidades ou ações da vida mental, pois está presente desde o nascimento da pessoa. O id é regido pelo princípio do prazer e é onde os instintos, forças que existem por trás das tensões causadas pelas necessidades do id, encontram uma primeira expressão psíquica. O id exige satisfação imediata dos impulsos, sem levar em conta a possibilidade de consequências indesejáveis. Sob a influência do mundo externo, uma parte do id sofre um desenvolvimento, um tipo de organização, que atua, então, como intermediária entre o id e o mundo externo. Esta região, que recebe o nome de ego, é baseada no princípio da realidade e tem a tarefa da autopreservação (FREUD, 1974).

Para Freud (1974) estas são as principais características do ego: em decorrência da conexão pré-estabelecida entre a percepção sensorial e a ação muscular, o ego tem sob seu comando o movimento voluntário. Com referência aos acontecimentos externos, exerce essa missão dando-se conta dos estímulos, armazenando experiências sobre eles (na memória), evitando estímulos excessivamente intensos (mediante fuga), lidando com estímulos moderados (através da adaptação) e, finalmente, aprendendo a produzir modificações convenientes no mundo externo, em seu próprio benefício (através da atividade). (FREUD, 1974).

Nesse sentido, pode-se dizer, em consonância com Freud (1974), que em relação ao id, o ego controla as exigências dos instintos determinando se elas serão ou não satisfeitas, sempre levando em conta o mundo externo.

Também observa-se que ao levantar a espada e se transformar em *Herman*, o menino busca uma proteção, tarefa esta do ego. Segundo Freud (1974), a intenção seria a de se manter vivo ou se proteger dos perigos. Nesse sentido, destacam Lima e Campos (2010, p.66), é tarefa do ego “descobrir o método mais favorável e menos perigoso para obter satisfação levando-se em conta a realidade”. Pois para Freud (1974), o ego é a mais forte das ações, porque assim ele pode atender as necessidades do id, sem romper as implicações do superego, analisando o mundo externo em cada situação.

Destaca-se também o uso da linguagem não verbal em que as personagens não se comunicam somente por palavras, mas também por meio de movimentos faciais e corporais, gestos, olhares e entonação da voz.

Freud (1976b) é claro em destacar nos processos de desenvolvimento dos meninos a importância do pênis. O órgão sexual é percebido como o representante de uma posição de destaque. Ou seja, uma espécie de poder.

Percebe que quem o possui imaginariamente acredita estar no comando. Inicialmente, a criança acredita estar tão próxima da mãe justamente por isso, por deter o pênis. Em um segundo momento, percebe que é o pai que está nessa posição justamente por estar ao lado da mãe. Segundo Lacan (1995), existe um terceiro tempo onde a criança percebe que esse lugar fálico, ou seja, de destaque, é flutuante. Logo, não pertence a ninguém.

Ainda neste primeiro episódio, ao se transformar no herói *He-man*, nota-se uma situação de abandono paterno em que o personagem busca proteção no herói em que se transformou, ou seja, um sujeito musculoso, forte e com poderes. Nesse sentido, nota-se que a noção de pai, para a psicanálise, mais precisamente para Freud (1975), contém uma conotação bastante particular. Ao escrever *A dissolução do Complexo de Édipo*, Freud faz uma leitura do regulamento da questão paterna e destaca dois relevantes aspectos. Primeiro, no momento em que indica a descendência e idealiza uma ligação transmissora da cultura, o pai tem uma dimensão de eternidade. Em segundo, quando opera como agente da castração que interdita e estabelece a lei propiciando o abandono pulsional. Abre passagem para o sujeito obter o estatuto de ser desejante, assim, possibilitador do desejo. O pai representa o limite, a finitude. Ao mesmo tempo em que provê e protege, pode desamparar e abandonar (FREUD, 1975).

Lacan (1995) também trouxe grandes contribuições sobre o entendimento da questão paterna. Ele construiu as noções de metáfora paterna, Nome-do-Pai, Pai Imaginário, Pai Simbólico e Pai Real, procurando elucidar o sentido da função paterna na estruturação psíquica.

Para Lacan (1986), o ser humano nasce num estado de impotência e, desde cedo, as palavras, a linguagem, servem-lhe de apelo. É extremamente arcaico, lembrando que a própria alimentação depende dos seu choro e de seus gritos. Quando o grito é ouvido, o indivíduo se sente amparado, o que é essencial para sua estruturação, enquanto se constitui na relação com o outro.

Seguindo essa lógica, há também uma relação entre poder e falo. E é justamente aqui que podemos iniciar uma relação com os elementos dos desenhos animados. Em ambos desenhos escolhidos, aquele que é o mais forte e que possui poderes é quem detém uma espada. De forma velada, o desenho propõe essa ideia. Os outros personagens, não tão fortes assim,

possuem outras armas. Alguns usam armas de fogo e outros armas brancas de origem oriental, como o *nunchaku* ou bastões. Porém, o mais poderoso possui a espada que é, claramente, um objeto fálico. Poderíamos sugerir que fica fácil para a criança fazer essa relação, inconscientemente, que a espada diz respeito ao pênis. A espada se torna uma insígnia da masculinidade.

Aqui novamente se destacam os pensamentos de Freud em relação a identificação da masculinidade e da relação do pai com o filho. Em Freud (1975), nota-se que a relação do menino com o pai é marcada pela ambivalência. No complexo de Édipo duas vertentes se opõem e se conjugam: de um lado temos uma atitude afetuosa com o pai; porém, também se nota uma certa hostilidade igualmente intensa em relação a ele, que quer a todo custo eliminá-lo como se fosse seu rival.

Para Freud (1975), a angústia de castração, buscando preservar sua masculinidade, leva o filho a esconder a resistência ao pai. Nesse sentido, segundo nos destaca Freud (1975), isso pode levar ao deslocamento para um objeto substitutivo que se estabeleça como única probabilidade descoberta para lidar com a hostilidade. É o que acontece no desenho acima analisado em que o menino usa a espada como uma insígnia da masculinidade.

Podemos olhar mais atentamente a relação entre falo e espada no desenho Thundercats. O personagem Lion-O, quando se prepara para lutar, faz quatro movimentos com a sua espada repetindo a palavra “thunder”, para então gritar “thundercats Ho!”. Nota-se que em cada um destes movimentos a espada cresce um pouco até chegar ao seu tamanho total. Aqui está outro elemento que podemos acrescentar ao debate. Uma espada que cresce pode novamente estar associada ao órgão sexual masculino que também cresce no momento em que se prepara para o ato sexual. É possível que a criança ainda não tenha esse aprendizado, porém, nesta faixa etária o menino já descobriu que seu pênis possui a capacidade de ficar ereto.

A força

Em ambos os desenhos a força está diretamente associada àquele elemento que é fálico. Tanto os personagens do desenho He-man, quanto Thundercats, são sempre fortes e musculosos. A transformação de He-man

destaca isso muito bem. Antes ele possui uma voz normal e vestimentas que não facilitam ver o seu corpo. Após se transformar, sua roupa fica muito curta mostrando sua musculatura e sua voz engrossa. No desenho Thundercats o personagem principal não se transforma, porém, também apresenta corpo forte. O vilão que enfrenta os felinos é que apresenta uma metamorfose. Inicialmente ele é uma múmia fraca, mas quando utiliza os dizeres mágicos, passa a apresentar um corpo tão forte quanto o dos benfeitores da animação. Apesar de não ser um personagem que representa o bem, deixa transparecer a questão da força através dos músculos. Trata-se do vilão principal, logo, também carrega uma simbologia fálica.

A linguagem não verbal pode ser reveladora das relações de comunicação entre os indivíduos. O corpo fala, expõe “verdades”, reforça ideias, favorece ou dificulta o entendimento; enfim, dá ênfase à comunicação. Assim, a linguagem muitas vezes se constitui como instrumento de poder/controlar (GOIS et al., 2011).

Tais elementos podem levar os espectadores infantis a desenvolverem um ideal daquele que está em destaque. Ou seja, aquele que é fálico também é forte. A força entra como outra insígnia da masculinidade. Tais características como corpo forte, voz grossa, força descomunal, poderes mágicos e, principalmente, possuir uma espada, desenharam veladamente este ideal de masculinidade.

O altruísmo

Verificamos também que em algumas atitudes dos personagens principais, os heróis sempre se colocam de forma altruísta. No episódio em que He-man está em busca do remédio para seu amigo, seu altruísmo se faz totalmente claro no momento em que interrompe sua jornada para ajudar uma criatura que estava presa. A criatura então retorna o favor dando uma carona para o personagem principal. Poderíamos fazer a leitura de que um dos elementos principais da masculinidade sugeridas pelo desenho seria ser uma pessoa boa.

Podendo notar aqui novamente a psicanálise de Freud e Lacan que encontramos em Silva (2008) em análise a obra desses autores. O autor

entende que para Freud, a psicanálise do altruísmo leva em conta que o outro tem que ser percebido, captado pelos sentidos do sujeito e receber sentido, para que algo possa vir a ser feito por alguém em situação de necessidade.

Para Silva (2008, p. 71) os comportamentos altruístas carregam uma relação com um outro que é significativo para o sujeito, misturando gratificação direta e alívio de tensões que têm origem em uma variedade de fontes internas e externas àquele sujeito. Assim, o altruísmo maduro requer relações de objeto maduros e integrados.

Desse modo, entende-se que o resultado da ação altruísta pode estar representada pelo indivíduo em uma resposta fantasiada, como ocorre nos casos de doação em que os beneficiários não são conhecidos pelo benfeitor ou também, como no caso do herói He-man, em que o mesmo ajuda a criatura presa no episódio analisado anteriormente.

Lacan (2005, apud SILVA, 2008) entende que “o semelhante amado é a imagem do próprio sujeito, qualquer que seja ele e qualquer que seja a razão pela qual ele é amado, podendo ser porque ele é um parente, ou alguém que ele nem conhece”, como o salvamento da criatura mencionado acima.

Silva (2008), mais adiante em sua obra, destaca que Lacan (1997), ao retomar a reflexão sobre o mandamento do amor ao próximo, recorda que, para Freud (1975) “meu amor é algo precioso, não vou dá-lo inteiramente a cada um que se apresente como sendo o que é só porque ele se aproximou”. E continua: é da natureza do bem ser altruísta. Mas o amor ao próximo não é isso. Observando-se então a diferença entre o altruísmo para Lacan e Freud em que o segundo vê o altruísmo de forma pessimista, diferente de Lacan que entende o altruísmo como o amor ao próximo sendo ele conhecido ou não.

Aqui também é importante clarearmos acerca do processo de identificação que a criança realiza em sua infância. A escolha daqueles que se tornarão uma espécie de espelho para o impúbere acontece dentro do Complexo de Édipo. Freud (1976a) nos explica o complexo de Édipo em algumas etapas. Em um primeiro momento, existe uma alienação Mãe – Bebê. O menino está totalmente dependente desta que está suprindo todas as suas necessidades. A criança possui um destaque único para a mãe. Freud (1976) chamou esse lugar de destaque de posição fálica. Então o bebê passa a ser

tomado como falo por sua mãe, papel que a criança passa a encarnar. O desejo desta mãe teria sempre este destino: a criança.

A mãe está nesta posição total, está suprimindo todas as necessidades. Devido à posição da mãe, a criança experimenta uma espécie de totalidade. Ou seja, um prazer ininterrupto. É ser o personagem principal para a mãe. No entanto, para a criança continuar o seu desenvolvimento, é preciso sair disso. Freud (1976) nos mostra que, para rasgar esta dualidade, entra o pai. É ele quem separa essa conexão inicial entre a mãe e a criança. Logo, isso faz com que a criança comece a estabelecer no pai um referencial de masculinidade. Ocorre a identificação. Esse mecanismo é o passaporte para que outros elementos, como os personagens principais do desenho, possam se tornar um alvo de identificação. É como se o personagem se tornasse uma extensão desse pai que foi o primeiro marco do que é o masculino.

Em outro episódio, ao acreditar que havia tirado a vida de um indefeso trabalhador, He-man opta por abrir mão de seus poderes e joga fora sua espada. O que está novamente nas entrelinhas é que se você for uma pessoa ruim e fizer mal para os outros, não merece a espada. Aqui retomamos a correlação existente entre espada e posição fálica. Segundo Freud (1976), o momento em que o pai entra proporcionando a ruptura entre o bebê e a mãe é chamado de castração. É o momento em que a criança percebe que quem está ao lado da mãe, ou seja, quem está em destaque é o pai. Dessa forma, é o pai quem está em uma posição fálica.

Para Freud (1976), a castração está ligada à questão do pênis. O fim do Édipo é quando a criança percebe que pode perder seu membro devido ao amor que tem por sua mãe. Este corte que o pai faz o obriga a se “desprender” desta questão. Ou seja, o pai se destaca e possui relevada importância aos olhos da mãe justamente por ter um pênis. O personagem principal retoma de forma velada esse ponto do desenvolvimento já percorrido pelo telespectador do desenho ao afirmar que, se você fizer algo ruim, não será merecedor da espada. Fazer coisas ruins se transforma em uma nova ameaça ao seu órgão sexual. Ou seja, não merece o falo ou a posição fálica. Ponto que também reafirma uma montagem do que seria a masculinidade.

A liderança

No desenho Thundercats existe uma dinâmica grupal de funcionamento onde há um líder. Lion-O é o chefe dos thundercats e é respeitado pelos demais. No episódio Excalibur, Lion-O explica como agiu impulsivamente e que isso não era a atitude de um líder. Em seguida, reafirma o código de thundera que é baseado em justiça, verdade, honra e lealdade. Aqui a animação ventila as propriedades que um líder precisa ter. A criança que está assistindo passa a assimilar que aquele que resolve liderar outras pessoas precisa ter convicções bem estabelecidas.

No segundo episódio estudado também existem outros pontos que possuem a liderança como endereço. O fato do líder não ter vergonha de pedir ajuda também é um aspecto demasiadamente considerável. O personagem Lion-O utiliza a espada para se comunicar com os outros thundercats que vão a seu encontro. Ao trabalhar em grupo, ao contrário dos vilões, os thundercats conseguem recuperar o reator. Logo, aqui surgem mais elementos que refletem um ideal de masculinidade. Poderíamos considerar que outra insígnia da masculinidade detectada seria referente a tais aspectos de liderança.

Vemos em Freud (1913 apud RIZZO, 2011) uma passagem sobre a importância do líder e de se trabalhar em equipe, conforme relato a seguir:

Certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai, colocando assim um fim à horda patriarcal. Unidos, tiveram a coragem de fazê-lo e foram bem sucedidos no que lhes teria sido impossível fazer individualmente. (Algum avanço cultural, talvez o domínio de uma nova arma, proporcionou-lhes um senso de força superior.) Selvagens canibais como eram, não é preciso dizer que não apenas matavam, mas também devoravam a vítima. O violento pai primevo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos: e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força (FREUD, 1913, p. 102)

Podendo observar que além de ser bom é preciso ser justo para liderar e servir de exemplo para outras pessoas. Traz também a diretriz de que um líder pode precisar da ajuda de seus companheiros para desenvolver determinadas tarefas. Ou seja, o líder possui o seu lugar mas trabalha em conjunto.

O aprender com os erros

Outro ensinamento relevante detectado seria sobre a necessidade de arriscar para chegar a um objetivo. No primeiro episódio de *He-man* verificamos Mentor contando como seu amigo o ensinou que é preciso de várias tentativas para chegar ao acerto. A frase utilizada é: “Para saber como funciona, precisamos saber como não funciona”. Mentor lembra de sua experiência quando já estava quase desistindo de desenvolver um equipamento e, devido ao incentivo do amigo, segue na busca para concluir a sua meta. Aqui também podemos elencar outra possibilidade de insígnia de masculinidade. Trata-se da transmissão, nas entrelinhas, de um ensinamento relevante tanto para uma criança como para um adulto. Ou seja, errar também faz parte do sucesso.

A frase utilizada neste episódio por He-man ao receber a retribuição do favor pela criatura alada é: “Amigo é para essas coisas”. Logo, reitera a importância dos amigos. Mesmo sendo o “homem mais forte do universo”, também precisa de amigos para poder resolver seus problemas. Ou seja, mesmo sendo poderoso, ou melhor, estando em uma posição fálica, também precisa de amigos. Bem como Lion-O, que também recorre a seus companheiros ao perceber que o perigo era extremo. As entrelinhas dizem ao menino que assiste ao desenho a importância que os amigos possuem em nossas vidas. Eis aqui mais uma insígnia da masculinidade sendo transmitida de forma velada. Outro ponto reafirmado ao final do episódio de He-man é que nossos pais são nossos melhores amigos. A valorização da família também é destacada pela personagem Teela. Trata-se mais um elemento que se soma aos outros já detectados anteriormente que contribuem para o ideal de masculino que o pequeno espectador está desenvolvendo.

Observa-se novamente a conexão com a obra de Freud onde o mesmo destaca a importância da família ao introduzir na teoria psicanalítica a noção de complexo de Édipo através da literatura, a releitura do mito de Sófocles, e, também, o personagem de Shakespeare, Hamlet. Esses heróis, Édipo (inconsciente), Hamlet (culpa do desejo) são transferidos por Freud para o psiquismo particular através do complexo de Édipo. Nesse sentido, a família é introduzida no cerne de uma nova ordem – a ordem simbólica.

Carvalho Filho (2010) em estudo acerca da “Acepção de família na teoria psicanalítica” observa que, no complexo de Édipo, repara-se no sujeito a presença dessa herança. No decorrer da existência edípica, as reações da criança não se amparam somente no que sentiu, mas no modelo de um acontecimento filogenético que traz elementos arcaicos vinculados a experiências de gerações anteriores. Segundo este autor “Esses traços de memória, esses precipitados psíquicos, são despertados por uma repetição real, pois, no romance familiar, a família da realidade psíquica se apresenta como um suporte para a família imaginária.” (CARVALHO FILHO, 2010, p.108). Tal reativação, levada a termo pelo complexo de Édipo, constitui-se em passo decisivo que indica a passagem da natureza (sensório) para a cultura (intelectual). No Édipo, vivido na família, reedita-se a renúncia pulsional sob a pressão da autoridade paterna e, posteriormente, da instância que substitui e prolonga o pai – o supereu.

Para Lacan (1997, apud CARVALHO FILHO, 2010) no texto “Os complexos familiares”, a família, a vista da psicologia, é vista por meio da análise e da observação. Lacan (1997) utiliza-se de conhecimentos clínicos sobre o Édipo e de análise das teorias psicanalíticas, antropológicas e sociológicas. Lacan leva a uma compreensão sobre a família e sua evolução. Segundo Carvalho Filho (2010), Lacan (1997) vê a família moderna como uma contração da instituição familiar. Em seus estudos, objetiva os complexos presentes no desenvolvimento em detrimento aos instintos, o que lhe permite postular, como formadores da subjetividade, o complexo do desmame; o complexo da intrusão e o complexo de Édipo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem não verbal utilizada nos desenhos analisados é que possibilita manter as mensagens veiculadas nas entrelinhas. Não parece razoável admitir que tanto para a criança quanto para os pais não familiarizados com a psicanálise que exista uma correlação forte entre falo e espada, por exemplo. Para o espectador comum, trata-se meramente de um personagem principal que possui poderes através de uma espada e que sem a espada eles não seriam tão fortes quanto parece.

Com efeito, quando He-man abre mão de seus poderes é justamente a espada que ele atira no precipício. Sem ela ele não pode se transformar. Esse detalhe potencializa a lógica de que é preciso ser fálico para ser forte. Mas em nenhum momento isso é dito no desenho. Assim, a linguagem não verbal aparece como um elemento que atua na absorção dos ideais do herói. São as atitudes dos personagens que personificam o potencial fálico.

Já a linguagem verbal é utilizada para reafirmar os valores de juízo moral. Nos ensinamentos que foram destacados, como a história do personagem Mentor ou quando Teela explica o valor dos amigos e a importância dos pais, é a linguagem verbal que é utilizada. Repetidamente os desenhos utilizam expressões inseridas em um senso comum como “amigo é para essas coisas” ou “para saber como funciona, precisamos saber como não funciona” para maximizar valores morais.

A linguagem verbal também é claramente percebida no processo de utilização dos poderes. Para He-man se transformar ele utiliza os dizeres: “Pelos poderes de Grayskull, eu tenho a força!”. A espada de Lion-O só cresce mediante os gritos de: “thunder!”. E o vilão Mumm-Rá também se transforma gritando: “Espíritos do mal, transformem essa forma decadente em Mumm-Ra! O ser eterno!”.

Observa-se, por fim, que a transformação dos personagens e o ganho substancial de força e poder só se efetivam pela utilização das duas formas de linguagem: a verbal – pelos dizeres – e a não verbal – pelos gestos de levantar a espada.

É relevante reafirmar que os meninos dentro da faixa etária cujo desenho é endereçado recém passaram pelo complexo de Édipo e de Castração. Após perceber que o pai é fálico, outros representantes dessa posição se farão presentes. Seja o professor ou diretor na escola ou até mesmo tios e pais de amigos. Porém, o desenho animado também fornece um exemplo que facilita a conexão. Um personagem principal e fálico sempre é exibido trazendo consigo demais características. A linha de associação inconsciente leva a escolher o personagem que possui a espada como uma extensão do pai ou daquele que realizou a função paterna.

Com a análise dos episódios mencionados, conseguimos elencar diversas insígnias do masculino. Mas, além disso, observamos outras

representações concretas que também podem ser ligadas à masculinidade, como o altruísmo, a liderança e a importância dos amigos e sobre como podemos recorrer a eles nas situações de dificuldade.

Entre outros pontos detectados está a força e os músculos como grande representante da masculinidade. Assim, misturam-se as boas atitudes com aspectos relativos à força para criar um ideal de masculino a ser seguido sempre fazendo uso da linguagem verbal e não verbal para consolidar tais distintivos.

A grande ponte que realmente conecta tais elementos com a masculinidade e que propõe uma identificação, por meio da linguagem, é a questão fálica. O menino que está assistindo a estes desenhos recém passou pela compreensão da importância de seu pênis. Também compreendeu há pouco que seu pai realmente é fálico por possuir a mãe. Logo, ao perceber que o personagem principal do desenho é o que possui a espada, inconscientemente um elo é estabelecido. O personagem principal, como He-man ou Lion-O, sugerem uma extensão daquele que detém o falo, como seu pai ou que tiver realizado a função paterna. Logo, os personagens propõem uma possibilidade de espelho; facilitam a identificação.

Poderíamos considerar que existe um ponto faltante em relação as demarcações do masculino nos episódios analisados. Tanto os personagens principais, como He-man e Lion-O, quanto os secundários, não possuem qualquer tipo de relacionamento com o sexo oposto. Em nenhum dos episódios houve menção a existência de uma namorada ou qualquer outro interesse. As personagens femininas presentes nos episódios são Teela e Feiticeira no desenho He-man, e Cheetara, nos Thundercats. Elas representam mulheres fortes e destemidas. Possuem poderes mágicos e ajudam o personagem principal a resolver os seus impasses. Não representam de forma alguma que o sexo feminino seria frágil. Todavia, também não se colocam como uma possibilidade de relacionamento. Ou seja, apesar de todos os ensinamentos que conseguimos detectar nos quatro episódios, bem como as características do que seria um ideal da masculinidade, não há qualquer direcionamento sobre a relação afetiva entre duas pessoas. Porém, faz-se presente, de forma não verbal, que o sexo feminino também pode ser forte. E este também é um fator

de composição do masculino, ou seja, a percepção de como se deve perceber o feminino.

Levanta-se aqui um questionamento sobre a relevância da utilização dessa abordagem, visto que o público alvo ainda se encontra antes da adolescência. Considerando que ainda estão inseridos na fase de latência, ou seja, na etapa do desenvolvimento infantil onde as crianças abandonam temporariamente as questões sexuais, podemos afirmar que as outras insígnias da masculinidade que conseguimos detectar são mais importantes do que a abordagem sexual.

Tais apontamentos abrem margem para outros questionamentos. Seria possível afirmar realmente que os desenhos poderiam influenciar no desenvolvimento psicossocial das crianças? Tal pergunta requer uma busca muito mais profunda e minuciosa. Todavia, precisamos considerar que no decorrer das décadas houve grande mudança na formatação dos desenhos animados. Seria pertinente realizar o mesmo estudo desenvolvido aqui em desenhos atuais, ou seja, desenvolvidos após o ano de 2000. A partir disso, poderíamos traçar um comparativo entre a masculinidade apresentada nos desenhos da década de 1980 e os desenhos contemporâneos. Este estudo possibilitaria confrontar as mudanças existentes também no decorrer das gerações.

Enfim, podemos concluir que este artigo dizendo que se tratou de um passo que pode sugerir a realização de um estudo maior que vise traçar um comparativo das insígnias da masculinidade no decorrer das gerações. O trabalho está por fazer.

REFERÊNCIAS

CARVALHO FILHO, João Gualberto Teixeira. **A acepção de família na teoria psicanalítica**. 2010. Disponível em: file:///C:/Users/IDEAL/Downloads/4410-23450-1-PB.pdf. Acesso em 27 de agosto de 2015.

FREUD, S. (1913[1914]). **O totem e Tabu e outros trabalhos**. In: Obras Completas, ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XIII.

FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo [1924]. In___: **Obras completas**. V. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1976

FREUD, Sigmund. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos [1925]. In___: **Obras completas**. V.19. Rio de Janeiro: Imago, 1976b.

FREUD, Sigmund. **Esboço de Psicanálise**. In CIVITA, Victor (editor) Os Pensadores. São Paulo: Abril S.A Cultural e Industrial, 1974.

GOIS, Aline Katia.; NOGUEIRA, Maria.; VIEIRA, Nadia. **A linguagem do corpo e a comunicação**. 2011. Disponível em: http://www.usp.br/anagrama/GoisVieiraNogueira_LinguagemCorpo

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões**. São Paulo: Ática, 1993.

LACAN, Jacques. **O Seminário - Livro 4: A relação de objeto (1956-1957)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LACAN, Jacques. **O seminário**. Livro 1. Os escritos técnicos de Freud (1953-54). Versão brasileira de Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LACAN, J. **Os complexos familiares na formação do indivíduo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1997. (Texto original publicado em 1938)

LACAN, Jacques. **O seminário**. Livro 3. As psicoses (1955-56). Versão brasileira de Aluisio Menezes. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. **O triunfo da religião**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LIMA, Alice Cassianal; CAMPOS, Maria Cristina Pimentel. A inter-relação literatura/psicanálise no conto "Ethan Brand". 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/IDEAL/Downloads/284-1026-1-PB.pdf>. Acesso em 21 agosto de 2015.

RIZZO, Alexandre. **O líder nas organizações e o totemismo de Sigmund Freud**. 2011. In Thesis, São Paulo, ano VII, n. 16, p. 35-55, 2º semestre, 2011 Disponível em: http://www.cantareira.br/thesis2/ed_16/4_rizzo.pdf. Acesso em 27 agosto de 2015.

SILVA, Paulo Bessa da. **Altruismo Na Auto-Imagem De Pastores E Pastoras Metodistas**. In tese de pós-graduação em Ciências da Religião apresentada a Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, São Paulo: 2008.